

A ARTE NO ENSINO DA GERONTOLOGIA:
O ENVELHECIMENTO NA VISÃO
DOS PINTORES RENASCENTISTAS

Elias Rocha de Azevedo Filho¹
Lucy de Oliveira Gomes²
Armando José China Bezerra³

resumo

Ao usar a arte no ensino da gerontologia, foram pesquisadas obras de pintores renascentistas que abordassem a temática velhice e envelhecimento. Utilizou-se o enfoque qualitativo descritivo, realizando-se busca nas bases de dados *Europeana*, *Britannica Academic*, *Scholarpedia*, *Yale Arts database*, *Web Gallery of Art* e *Art Source – Ebsco*, e em livros de texto sobre arte. Foram utilizados os seguintes termos na pesquisa em português, francês e inglês: as três idades; as três idades na arte; as idades da vida; as idades na pintura; as idades do homem na pintura; a arte da velhice; alegoria do tempo;

1 Graduado em Enfermagem. Mestre e Doutorando do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Gerontologia, Universidade Católica de Brasília (UCB). Docente do Centro Universitário Unidesc. E-mail: eliaspresley2@gmail.com.

2 Graduada em Medicina. Mestre em Medicina Tropical, pela Universidade de Brasília, e Doutora em Fisiologia, pela University of London. Professora do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Gerontologia, Universidade Católica de Brasília (UCB). E-mail: lucygomes2006@hotmail.com.

3 Graduado em Medicina. Mestre em Morfologia e Doutor em Ciências (Área de Anatomia) pela Escola Paulista de Medicina da Universidade Federal de São Paulo. Professor do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Gerontologia, Universidade Católica de Brasília (UCB). E-mail: abezerra@ucb.br.

velhos na pintura renascentista; velhice na pintura renascentista. Encontraram-se cinco obras que destacavam os contrastes de beleza entre corpos jovens e idosos: *A Velha* (1505), de Giorgione; *As Três Idades do Homem* (1512), de Ticiano; *As Três Idades do Homem* (1515), de Dosso Dossi; *Três Idades da Mulher e a Morte* (1510) e *As idades e a morte* (1539), de Hans Baldung Grien. Estas figuras, em alguns casos, eram realçadas por pinceladas que tornaram mais evidente a diferença entre as idades do ser humano. Os pintores renascentistas reproduziam em suas obras a visão de que o envelhecimento era o último estágio da vida humana, portanto, época de decadência física e, muitas vezes, de solidão.

palavras-chave

Renascimento. Pintores Renascentistas. Idoso. Envelhecimento.

1 Introdução

A imagem da velhice através da história varia de cultura em cultura, de tempo em tempo e de lugar em lugar. Esta imagem reafirma que não existe uma concepção única ou definitiva da velhice, mas concepções variadas e opostas. Ao longo da história, percebe-se a ocorrência de ciclos, períodos em que os idosos são valorizados seguidos por crises entre jovens e velhos e, posteriormente, desvalorização do ancião. A visão que a sociedade tem das pessoas idosas remonta aos tempos dos Babilônios, Hebreus e da Grécia Antiga. Para os Babilônios, a imortalidade e formas de conservar a juventude estavam muito presentes. Já os antigos Hebreus se destacavam pela importância que davam a seus anciões que, em épocas de nomadismo, eram considerados os chefes naturais dos povos. Em discordância, a Grécia Clássica relegava os velhos a um lugar subalterno, enaltecendo a beleza, a força e a juventude, como evidenciavam diversos filósofos gregos. Porém, Platão trouxe nova visão sobre a velhice que, segundo ele, conduzia à harmonia, prudência, sensatez, astúcia e juízo (LEMOS *et al.*, 2002).

Na sociedade romana, os anciões tinham posição privilegiada, sendo que o direito romano concedia aos mesmos a “*pater familias*”, autoridade sem limites sobre todos os membros da família. A República Romana também conferia cargos importantes no senado aos anciões como “*patrícios*”. Foi Cícero, com a obra *A Senectude*, que mais defendeu a velhice, afirmando que características

morais somente se desenvolveriam com a chegada da idade avançada. Entretanto, com a queda do Império Romano, os anciões foram perdendo seu lugar de destaque na sociedade (LEMOS *et al.*, 2002).

A etapa do Cristianismo expôs uma visão negativa da velhice, associando-a com decrepitude, feiúra e pecado. Nos escritos de Santo Agostinho, este considerou a velhice igual ao pecado, ambos conduzindo à morte (SAINT AUGUSTINE, 2003). O século VI identificou a velhice com a cessação da atividade, iniciando a concepção moderna de isolamento dos velhos em retiros (ALVES, 2017). A Idade Média se caracterizou por ser época dos mais fortes e dos poderios militares, o que colocava os anciões como submetidos aos mais fortes, formando parte da população escrava e servil. Assim, o homem medieval temia e buscava meios de escapar da velhice (LEMOS *et al.*, 2002).

No século XIV, surgiram fortes tensões e crises, dentre elas a propagação da peste negra e da cólera, que provocaram milhões de mortes por toda Europa. Durante os séculos XIV e XV, essas doenças foram seletivas, deixando um saldo de milhares de mortos e uma grande população velha que havia sobrevivido às pestes. Este fato trouxe, como consequência, o fortalecimento do poder das pessoas de mais idade e um aumento do conflito entre as gerações. Nas praças públicas, assim como nas artes, ridicularizavam-se os anciões, a despeito de grandes expoentes de idade avançada que realizaram suas obras neste período, como Leonardo da Vinci e Michelangelo. Os velhos continuaram a ter pouca importância social e se encontravam em uma situação precária e ambígua. Nos períodos do Renascimento e do Barroco persistiu a idéia da inevitável decrepitude e do caráter melancólico da velhice (SEVCENKO, 1985).

O século XVI caracterizou-se por violência e ataque contra a velhice, como consequência da adoração e culto da beleza e da juventude. Nos séculos XVI e XVII, o pensamento científico introduziu novas formas de pensar, podendo levar ao descobrimento das causas da velhice. Ainda assim, prevaleceu a ambivalência em relação à mesma. Durante os séculos XVII e XVIII, foram feitos avanços nos campos da fisiologia, anatomia e patologia. As transformações que ocorreram na Europa nos séculos XVIII e XIX refletiram-se no aumento da população idosa, sendo que os avanços da ciência permitiram descartar vários mitos acerca da velhice. Contudo, a situação dos velhos não melhorou. O surgimento da Revolução Industrial e do urbanismo foram derradeiros para os anciões que, sem poder trabalhar, foram reduzidos à miséria. No final do século XIX, os avanços da medicina propiciaram a divisão de velhice e enfermidade e, no século XX, surgiram a gerontologia e a geriatria como disciplinas formais (DARDENGO; MAFRA, 2018).

Ainda hoje, os mitos que permanecem a respeito da velhice prejudicam o bom envelhecimento e dificultam a inserção dos velhos na sociedade. Entretanto, para uma parcela economicamente ativa da população idosa, já existe um movimento de valorização, pois esta população está surgindo como mercado consumidor, impulsionando o turismo e serviços para a terceira idade.

1.1 Renascimento ou Renascença

O termo Renascimento, ou Renascença faz referência ao movimento artístico cultural e científico surgido na Itália entre os séculos XIV e XVII, tendo-se difundido por toda Europa (MARTINS; IMBROISI, 2011). Além de reviver a antiga cultura greco-romana na Renascença, ocorreram incontáveis progressos e realizações no campo das artes, da literatura e das ciências, que superaram a herança clássica. A pintura nesse período tinha a função, entre outras, de representar em termos de testemunho de uma cena. A sua maior contribuição foi a nova maneira de representar a natureza, através da técnica pictórica e da perspectiva matemática, criando eficiente ilusão de espaço tridimensional em superfície plana. A linguagem visual formulada pelos pintores renascentistas foi tão bem sucedida que permanece até hoje (PARISOTTO, 2009; MARTINS; IMBROISI, 2011).

A nova concepção artística mostrava fidelidade na reprodução da cena pintada, pretendendo tocar as pessoas através dos sentidos. Para tanto, as técnicas de perspectiva ampliavam o campo pictórico conferindo à obra a impressão de ali estarem multiplicadas cenas da vida cotidiana. O domínio da técnica levou a arte ao *status* de ciência, tornando-se desconhecida dos artesãos populares. Essa exigência fez-se necessária para atender ao sofisticado gosto artístico que, a partir de então, evoluiu constantemente. O artista/cientista era senhor do domínio da técnica, conciliando em seu ofício a estética e o cálculo (SEVCENKO, 1985). Os artistas do período se orientaram por ideais de perfeição, harmonia, equilíbrio e graça, representados com o auxílio dos sentidos de simetria e proporção das figuras, de acordo com os parâmetros ditados pelo belo clássico (ARGAN, 1993).

A arte renascentista era arte de pesquisa, invenções, inovações e aperfeiçoamentos técnicos, acompanhada paralelamente das conquistas da física, matemática, geometria, anatomia, engenharia e filosofia. Basta lembrar a invenção da perspectiva matemática por Brunelleschi e seus instrumentos mecânicos de construção civil ou militar, os artefatos de engenharia civil, criados por Leonardo da Vinci, as pesquisas anatômicas de Michelangelo, o

aperfeiçoamento das tintas a óleo pelos irmãos Van Eyck e, ainda, os estudos geométricos de Albrecht Dürer, entre outros (SEVCENKO, 1985). No período do Renascimento, os pintores passaram a mostrar uma nova realidade na forma de avaliar o envelhecimento, procurando trabalhar com o que consideravam moderno. A velhice ficou ligada à fragilidade e à inutilidade, sendo vista de maneira estereotipada. Foi expressa em obras de diversos autores, com foco na decadência física sofrida pelo corpo humano e a proximidade da morte (MEIRELLES, 2000).

Nesse período, a maioria das obras mostrava contrastes entre os corpos jovens e os idosos que, em alguns casos, eram realçados por pinceladas que tornavam mais evidente a diferença entre as idades do homem. Identificavam a velhice como uma fase progressiva da vida, que apresentava problemas inerentes à época e se relacionava, principalmente, com o declínio do corpo. Esse conceito de velhice tem passado por alterações com o tempo, devido às transformações de natureza política, que forçaram a sociedade a ajustar seu modo de pensar (SEVCENKO, 1985; MARTINS; IMBROISI, 2011). Nessa época, foi iniciado o uso de telas e de tintas a óleo. As manifestações dos pintores tornaram-se independentes, caracterizando-se por serem pessoais e individualistas. A pintura renascentista despreendeu-se pouco a pouco da religiosidade e procurou retratar a realidade do mundo. Geralmente, apresentavam: tons claro-escuro, para representar o volume dos corpos; realismo, o homem como expressão grandiosa do próprio Deus; e perspectivas, distâncias e proporções, segundo os princípios da matemática e geometria. Poucos movimentos artísticos tiveram lista tão grande de representantes conhecidos em todo o mundo. Dentre os vários artistas desta época, pode-se citar: Leonardo da Vinci, Rafael, Ticiano, Donatello, Tintoretto, Michelangelo, Botticelli, Veronese e Fra Angelico. Esta lista se estende a dezenas de outros grandes artistas representantes de vários países europeus, nomes que se perpetuaram na nossa cultura (CHASTEL, 1991).

As representações imagéticas têm um lugar comunicacional, possibilitando que sua análise evidencie conceitos relevantes sobre o tema representado nessas obras de arte. O objetivo deste estudo foi a identificação de obras de pintores renascentistas que representassem em suas telas o envelhecimento humano e retratassem pessoas idosas. A pesquisa foi centrada na relação entre arte e educação gerontológica, para se responder à pergunta: “Como era o pensamento dos pintores renascentistas relacionado ao envelhecimento?”

2 Material e métodos

Pesquisaram-se imagens pictóricas de pintores renascentistas que representassem em suas telas o envelhecimento humano e retratassem pessoas idosas. Essa busca foi realizada nas bases de dados *Europeana*, *Britannica Academic*, *Scholarpedia*, *Yale Arts database*, *Web Gallery of Art* e *Art Source – Ebsco*, assim como em livros de texto sobre arte. Na obtenção dos artigos, utilizaram-se os seguintes termos nas línguas portuguesa, francesa e inglesa: as três idades; as três idades na arte; as idades da vida; as idades na pintura; as idades do homem na pintura; a arte da velhice; alegoria do tempo; velhos na pintura renascentista; velhice na pintura renascentista. Inicialmente, foram incluídos dez artigos que englobavam o tema do envelhecimento nas pinturas do período estudado, após leitura dos seus respectivos resumos. A seguir, foram lidos os artigos integralmente pelos três autores que concordaram com a inclusão dos mesmos. Foi levado à discussão conjunta 1 (um) artigo, por não estar incluído na lista dos três autores, sendo incluído posteriormente, perfazendo o total de quatro artigos estudados. Adicionalmente, foram utilizados na pesquisa a leitura de 12 capítulos em livros de arte diversos, versando sobre a temática estudada.

3 Resultados e discussão

Identificaram-se cinco quadros de autoria de quatro pintores renascentistas onde mostrava o envelhecimento: Giorgione, Ticiano, Dosso Dossi e Hans Baldung Grien. A seguir, será referido cada um deles.

3.1 Giorgione

Giorgio Barbarelli da Castelfranco, o Giorgione, nasceu em Castelfranco, Veneto, por volta de 1477, e morreu em Veneza, em 1510. Foi descrito como pessoa de alta cultura, amante da música e da poesia, enfim, um nobre pintor que se deleitava com o pincel tanto quanto com o som do alaúde e do canto. As poucas obras confirmadas de Giorgione foram pintadas para um restrito círculo de clientes particulares que não aceitavam vendê-las por preço algum, uma vez que tinham sido feitas para que eles próprios as desfrutassem (ARGAN, 2003).

Salvo exceções, não existem obras de Giorgione assinadas e datadas. Poucos trabalhos podem ser atribuídos a ele com segurança, estando, entre eles: *O Retábulo de Castelfranco* (1504), *Os três filósofos* (sem data), *A tempestade* (sem data) e *Concerto campestre* (1510). Outros que lhe são atribuídos são alvos

de polêmica, não se chegando à conclusão de suas autorias. A maioria das obras de Giorgione se compõe de uma ou mais figuras, integradas em amplas paisagens. Inovando em relação aos seus antecessores, o artista utiliza luz suave, com efeito de grande lirismo, tendo como objetivo criar uma atmosfera determinada dentro da composição (GOMBRICH, 2009).

No quadro *A Velha* (Figura 1), Giorgione mostra em fundo escuro, atrás de um parapeito, uma mulher idosa com o tronco virado para a esquerda. Ela olha para o espectador com expressão intensa de dor e parece abrir a boca como a perguntar algo. Sob esta ótica, a obra representa uma amarga reflexão sobre a velhice, mostrando o velho como fisicamente decadente, o que o deixa em sofrimento psíquico. Contudo, para alguns especialistas, pode-se também interpretar o quadro com um significado positivo, ligado ao crescimento da sabedoria (ECO, 2010).

Figura 1 – Giorgione (1477-1510). *A velha* (1505). Óleo sobre tela.



Fonte: Gallerie dell'Accademia Venezia.

3.2 Ticiano

Ticiano, Vecelli, Ticiano Vecelli, Tizian Vecellio De Gregorio, Tiziano, Titian ou ainda Titien, foi o maior pintor da escola veneziana do Renascimento. Nasceu em Cadore, nos Alpes meridionais, em 1490, e consta que tinha 86 anos de idade quando morreu, vítima da peste, em 1576. Durante sua longa vida, granjeou enorme fama. Seus biógrafos contam assombrados que até o imperador Carlos V lhe concedeu grande honra ao abaixar-se e apanhar um pincel que Ticiano deixara cair. Ao considerar o rigor das regras vigentes nas cortes daqueles tempos, a interpretação desse gesto é de que o imperador abaixou-se, simbolicamente, ante a majestade do gênio. Esse breve episódio, seja ele verdadeiro ou não, representou para as idades subsequentes um triunfo para a arte (GOMBRICH, 2009; HAUTERCOEUR, 1963).

A manipulação das tintas igualava Ticiano à maestria de Michelangelo no desenho. Essa habilidade suprema capacitou-o a ignorar todas as regras de composição consagradas pelo tempo e a confiar na cor para restaurar a unidade que, aparentemente, ele havia quebrado (GOMBRICH, 2009). Ticiano antecipou, em sua vasta e variada obra, muitos dos traços não apenas da estética barroca, mas de toda pintura moderna. Após a morte prematura de Giorgione, em 1510, Ticiano encarregou-se de terminar vários dos quadros do mestre, como *Vênus adormecida* e *Concerto campestre*, o que gerou polêmicas posteriores sobre a autoria principal dessas obras. Após, passou a trabalhar sozinho, provocando escândalo ao pintar nus em cenas bíblicas e em paisagens venezianas conhecidas. Ticiano permitiu que a luz, o ar e as cores uniformizassem as cenas (GOMBRICH, 2009).

As Três Idades do Homem (Figura 2), de Ticiano, é uma representação da passagem do tempo, apresentando o ciclo da vida, anunciado no quadro em planos distintos e bem identificados: a infância (as três crianças à direita), a idade adulta (o casal, à esquerda) e a velhice (o idoso, ao fundo). O quadro anuncia que a existência é efêmera. As personagens retratadas não exteriorizam sentimentos, com aspecto físico que revela não se poder lutar contra a dualidade existencial da vida e da morte. A evocação pela memória retira o passado daquele recanto afastado e quase abandonado pela vida e deixa-o passear pelo presente (ARGAN, 1993). Nessa pintura, existe um elemento sombrio que mistura as idades e que causa perplexidade ao observador: por que são mostrados os restos de velha árvore em fim de vida junto das crianças, precisamente aquelas que vêm anunciar o início ou o recomeço? Por oposição, a árvore representada à esquerda, junto ao casal sentado num tufo verdejante, apresenta-se frondosa (ARGAN, 2003).

Figura 2 – Ticiano (1490-1576). *As três idades do homem* (1512). Óleo sobre tela.



Fonte: Galeria Nacional da Escócia, Edimburgo.

3.3 Dosso Dossi

Giovanni Diniccolò de Lutero ou Luteri, o Dosso Dossi, foi pintor italiano da escola de Ferrara. Nasceu em San Giovanni del Dosso, aldeia na província de Mântua, em 1490. Sua vida não está bem documentada. Sua formação, provavelmente, se deu localmente, com Lorenzo Costa. Em 1514, Dossi começou a prestar seus serviços à família Este, com os duques Alfonso I d'Este e Ercole II d'Este, tornando-se diretor artístico da corte. Trabalhou com seu irmão, Battista Dossi, que havia estudado na oficina romana de Rafael. Produziu para os duques decorações efêmeras de móveis e *sets* de teatro (PARISOTTO, 2009).

Dosso Dossi é mais conhecido por conceitos alegóricos e enigmáticas pinturas em torno de temas mitológicos. Seus quadros mais famosos são alegorias mitológicas, tema admirado na corte humanista de Ferrara. O termo *sprezzatura*, ou seja, a arte de fazer o difícil parecer fácil, refere-se ao estilo de Dossi, com suas distorções. Dossi também é conhecido pelas escolhas atípicas de pigmento brilhante, além do uso de tinta a óleo (PARISOTTO, 2009).

As Três Idades do Homem (Figura 3) é uma das mais belas paisagens produzidas por Dosso Dossi. O tema da pintura tem sido assunto de debate, sendo seu título atual derivado dos três pares de figuras, duas crianças, dois jovens

e dois idosos, que simbolizam as três fases da vida. A obra evidencia a forma como a vida humana se estende até chegar ao seu final, havendo, na sua imagem, uma mistura de elementos que anunciam o fim da vida e sua extensão (ARGAN, 1993). É mais uma obra do Renascimento que busca mostrar as fases da vida divididas em: infância, fase de inocência e de descobertas; juventude, fase da fertilidade; e velhice, fase final da vida. Neste quadro, observa-se um casal de jovens namorados à sombra de árvores frondosas e cercados de ovelhas, espreitados por duas crianças (não mais bebês, como nos quadros de Ticiano e Hans Baldung) e, ao fundo, um casal de idosos em pose. Os velhos, que nos remetem à serenidade, foram colocados em segundo plano, ficando em destaque o casal jovem. Este quadro somente difere das obras discutidas anteriormente por estarem os velhos demonstrando tranquilidade, pois, nos primeiros, além de sozinhos, estes apresentavam expressão de medo ou de negação da morte.

Figura 3 – Dosso Dossi (1490-1542). *As três idades do Homem* (1515). Óleo sobre tela.



Fonte: *The Metropolitan Museum of Arts*, Nova Iorque.

3.4 Hans Baldung Grien

Hans Baldung, também conhecido como Baldung Grien, foi um dos mais famosos pintores alemães do Renascimento. Nasceu em família bem-sucedida de médicos e advogados, que imigraram para Estrasburgo na década de 1490. Provavelmente, recebeu sua primeira formação artística em sua cidade natal. Em 1502, mudou-se para Nuremberg, onde trabalhou no ateliê de Albrecht Dürer por cinco anos, o que muito influenciou suas obras. Em 1509, mudou-se novamente para Estrasburgo, onde entrou em contato com os círculos intelectuais de Martinho Lutero, passando a ser um dos primeiros defensores da Reforma. Executou uma xilogravura na qual Lutero era protegido pelo Espírito Santo na forma de uma pomba. Entre 1512 e 1517, passou a residir em Friburgo, trabalhando na sua obra-prima, o altar da catedral de Friburgo. Para este altar, também desenhou as janelas do coro com vitrais. O retábulo é constituído por 11 pinturas de grande escala, incluindo, no centro, a coroação da Virgem (ECO, 2007).

Produziu várias obras religiosas, sendo conhecido por suas representações da Virgem Maria, em que combinou paisagens, figuras, luz e cor com uma serenidade quase mágica (ECO, 2007). Entretanto, sua temática favorita era a macabra, sendo a morte e o erotismo constantes em seu trabalho (ECO, 2007). Sua fascinação com a feitiçaria pode ser visto em *Sabat das bruxas* (sem data) e em extensa série de desenhos e gravuras que fez com esta temática, entre 1510 e 1544, igualada em importância às suas pinturas (CHASTEL, 1991).

No óleo *As Idades e a Morte* (Figura 4), aparecem quatro figuras que são uma alegoria das três idades da mulher. Nesta pintura, são refletidas as idades de uma mesma mulher, desde sua infância, passando pela juventude e chegando à velhice. A morte, com sua mão direita, sustenta um relógio de areia, uma ampulheta, símbolo da passagem inexorável do tempo e do fim que se avizinha. De braços dados com a morte, aparece uma mulher velha, enrugada, decrépita, de cabelos brancos e desalinhados, magra e de seios caídos, tentando arrancar as roupas de uma moça jovem que está a seu lado, que parece tentar cobrir a nudez. Esta é bela, elegante, de pele clara, cabelos louros e seios firmes. Aos pés dessas figuras, uma criança de colo parece dormir despercebida no chão. A figura da morte parece querer levar a mulher velha ou pelo menos indicar que ela não pode escapar e seu tempo está esgotado, contrastando com a aparente tranquilidade da criança (ARIÈS, 1988).

Figura 4 – Hans Baldung Grien (1484-1545). *As idades e a morte* (1539). Óleo sobre tela.



Fonte: Museu do Prado, Madri.

Os retratos de diferentes idades de Hans Baldung têm caráter sinistro e virtuosismo educado, como pode ser visto na sua pintura *Três idades da mulher e a morte* (Figura 5). Nesta pintura, observa-se uma Vênus com sua pele branca,

destacando-se na obscuridade do fundo, que alude à beleza física, na qual a imperfeição das formas com relação aos cânones clássicos a torna ainda mais realista. Na obra em questão, mesmo sendo sitiada pela morte, ela anuncia uma mulher renascentista que sabe cuidar e mostrar seu próprio corpo. Nota-se, também, através das cores e da iluminação, o destaque para a figura feminina ao centro e a ideia de um espaço tridimensional em superfície plana (ARIÈS, 1988).

Figura 5 – Hans Baldung Grien (1484-1545). *Três idades da mulher e a morte* (1510). Óleo sobre madeira.



Fonte: *Kunst Historisches Museum, Viena.*

4 Conclusões

Como a arte pode contribuir para o ensino da gerontologia, examinaram-se obras pictóricas do Renascimento com o objetivo de auxiliar na educação gerontológica. Análise dessas pinturas ajuda a entender as expressões sociais, culturais, filosóficas, assim como as formas de pensamento dos pintores daquela época sobre o tema do envelhecimento e da pessoa idosa. As obras analisadas apresentam uma riqueza de detalhes e de significados que possibilitam compreensão sobre o papel social que as pessoas idosas ocupavam na época. Os recursos estéticos utilizados representam a negação da velhice e o medo da morte. Embora a imagem artística possa ser considerada como uma impressão da verdade, expressando a forma como a velhice era compreendida na época, ela também, de alguma forma, passa a influenciar a imagem social da velhice.

É difícil que uma imagem artística possa ser expressa através de tese precisa, fácil de formular e de compreender. No uso da pintura como representação imagética, é preciso “entrar no jogo” do pintor (BAXANDALL, 1991). Portanto, não se teve a pretensão de apresentar como verdade absoluta a interpretação da percepção da velhice que tinham os pintores renascentistas, nem sobre cada obra analisada, pois muitos dos aspectos estudados nas artes têm o potencial de subjetividade. Retratar a realidade foi um dos objetivos da pintura Renascentista. Os pintores tentavam reproduzir as coisas do mundo através de imagens cópias dos originais ideais que existiam no mundo das ideias. A imagem artística era uma impressão de verdade, estando nela a possibilidade de expressão da própria vida. A preocupação com a fidedignidade dos retratos e paisagens, o estudo da anatomia e a riqueza expressada nos traços humanos trouxeram para a tela o pensamento dos artistas. Desta forma, pressupôs-se a percepção da velhice e do envelhecimento entre os pintores renascentistas. No Renascimento, o pensamento era de que o homem alcançava sua plenitude e perfeição na juventude e, com o correr dos anos, perdia o vigor e integridade, vindo a anular-se em tudo (D’AGOSTINO, 2003). O esplendor da beleza da juventude, que emanava a vida, era em tudo avessa à senilidade (PICO DELLA, 1994). A imagem do ser perfeito, duradouro, alheio à transitoriedade, assemelhava-se à perfeição de Deus e, pela beleza dos corpos e das almas, os olhos se voltavam para o alto. Entretanto, enquanto forjada na matéria, a perfeição e a excelência da beleza sujeitavam-se, de modo inexorável, à caducidade e ao desvanecimento.

Através da análise das cinco imagens pictóricas, pode-se observar que os pintores renascentistas, em concordância, reproduziam em suas obras a visão de que o envelhecimento era o último estágio da vida humana, portanto, época

de decadência física e, muitas vezes, de solidão. No Brasil, a partir dos anos 60, o olhar da sociedade sobre o idoso começa a ser transformado de forma mais efetiva, esboçando-se as transformações culturais e sociais acerca da velhice. Na década de 80, as intervenções rumam para a conscientização dos direitos e do autocuidado dos idosos, na tentativa de se criar a perspectiva de um idoso ativo, integrado socialmente e saudável. Passa a se instituir uma Terceira Idade, ideal de idoso ativo e saudável, prescrevendo-se um modo de existir para o idoso (BARROS; CASTRO, 2002).

Ao mesmo tempo em que prevenir o envelhecimento patológico de certa forma atribui poder ao idoso, rompendo com o estereótipo negativo de indivíduo totalmente indefeso e marginalizado, também individualiza o problema, como se cada idoso fosse o único responsável por sua própria saúde. Ao passo que o velho se torna consumidor de preconceito contra aspectos comuns na velhice, ele também ganha certa proteção e visibilidade social. Assim, é imprescindível que diferenciemos esse conhecimento como uma generalização, e não uma certeza aplicável a todo e qualquer indivíduo. Assim, nos dias atuais, ainda se observa o discurso sobre a imagem do velho-finitude se opondo a do jovem-vivacidade. Verifica-se a realização de inúmeras cirurgias plásticas, a fim de cancelar o tempo em rostos que “jamais envelhecem”, tornando a tez imune às marcas do tempo e o semblante pétreo da sempre eterna juventude. Este fato nos leva à inquietante ambição de apagar o tempo, delatando o sentimento de impotência diante da morte.

Concluindo, uma maneira de ensinar gerontologia é entendendo a velhice e o próprio processo de envelhecimento ao longo do tempo. Para esse fim, a utilização da arte é importante, considerando-se o olhar não apenas com meros olhos observadores, mas olhos que veem além, que criam, inventam, pensam e compreendem o que estão vendo. Nesse sentido, é importante que sejam evidenciadas as influências desse processo ao longo do tempo com suas implicações na sociedade atual.

*ART IN THE TEACHING OF GERONTOLOGY:
AGING IN VIEW OF RENAISSANCE PAINTERS*

abstract

The present article researched works of Renaissance painters that approached the thematic of old age and aging. A qualitative descriptive approach was used, searching the databases Europeana, Britanica Academic, Scholarpedia, Yale Arts database, Web Gallery of

Art and Art Source – Ebsco, as well as art textbooks. The following terms were used to search in the Portuguese, French and English languages: the three ages; the three ages in art; the ages of life; the ages in painting; the ages of man in painting; the art of old age; allegory of time; the older person in Renaissance painting; old age in Renaissance painting. There were five works that emphasized the contrasts of beauty between young and old bodies: *The Old Woman* (1505), by Giorgione; *The Three Ages of Man* (1512), by Titian; *The Three Ages of Man* (1515), by Dosso Dossi; *Three Ages of the Woman and the Death* (1510), and *The Ages and the Death* (1539), by Hans Baldung Grien. These figures, in some cases, were highlighted by brushstrokes that made the difference between the ages of the human being more evident. Renaissance painters reproduced in their works the view that aging was the last stage of human life, therefore, a time of physical decay and, often, loneliness. It was concluded that one way of teaching gerontology is by using art, when the gaze is not only observer, but see beyond, understanding what they are seeing.

keywords

Renaissance. Renaissance Painters. The elderly. Old age.

referências

ARGAN, Giulio Carlo. *Arte moderna: do iluminismo aos movimentos contemporâneos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

_____. *História da arte Italiana: De Michelangelo ao futurismo*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003. v. 3.

ARIÈS, Philippe. *O homem perante a morte*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1988.

BARROS, Regina Duarte Benevides; CASTRO, Adriana Miranda. *Terceira Idade: o discurso dos experts e a produção do "novo velho"*. Estudos Interdisciplinares do Envelhecimento; Porto Alegre, v. 4, p. 113-124, 2002.

BAXANDALL, Michael. *O olhar renascente: pintura e experiência social*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

CHASTEL, André. *A arte italiana*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

D'AGOSTINO, Mário Henrique Simão. A arquitetura, o corpo e o espelho. Sobre a beleza e o tempo na arte do Renascimento e em nossos dias. *Tempo Social* – USP. p. 113-138, abril 2003.

DARDENGO, Cassia Figueiredo Rossi; MAFRA, Simone Caldas Tavares. Os conceitos de velhice e envelhecimento ao longo do tempo: contradição ou adaptação? *Revista de Ciências Humanas*, v. 18 (2): julh/dez 2018

ECO, Humberto. *História da feiura*. Rio de Janeiro: Record, 2007.

_____. *História da beleza*. Rio de Janeiro: Record, 2010.

FURQUIM, Maria Helena; ALVES, Lanza. *A velhice-decrepitude no imaginário ocidental: uma herança gótica, renascentista e barroca*. Monografia. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Departamento de História. Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

GOMBRICH, Ernst Hans. *A história da arte*. Rio de Janeiro: LTC, 2009.

HAUTERCOEUR, Louis. *História geral da arte da realidade à beleza*. São Paulo: Difusão Europeia, 1963.

LEMO, Daniela de; PALHARES, Fernanda; PINHEIRO, João Paulo; LANDENBERGER, Thais. *Velhice*. E-psico - Políticas de subjetivação: UFRGS, 2002. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/e-psico/subjetivacao/tempo/velhice-texto.html> Acesso em: 02 nov. 2020.

MARTINS, Simone; IMBROISI, Margaret. *Renascimento*. 2011. Disponível em: <http://www.historiadaarte.com.br/linha/renascimento.html> Acesso em: 15 out. 2018.

MEIRELLES, Morgana. *Atividade física na terceira idade*. 3. ed. Rio de Janeiro: Sprint, 2000.

PARISOTTO, Giovanna Chaves. As Vênus do renascimento. In: II Encontro Nacional de Estudos da Imagem, 12, 13 e 14 de maio de 2009, Londrina-PR. *Anais...*, Londrina-PR: UEL, 2009. Disponível em: http://www.uel.br/eventos/eneimagem/anais/trabalhos/pdf/Parisotto_Giovanna%20Chaves.pdf Acesso em: 15 out. 2018.

PICO DELLA MIRANDOLA, Giovanni ([1486] 1994). *Commento sopra una canzone d'amore*. Palermo, Novecento (ed. P. De Angelis).

SAINT AUGUSTINE (OF HIPPO). *The Works of Saint Augustine*. A translation for the 21st Century. New City Press. 2003.

SEVCENKO, Nicolau. *O Renascimento: os humanistas, uma nova visão de mundo: a criação das línguas nacionais: a cultura renascentista na Itália*. São Paulo: Atual, 1985.

Data de Submissão: 11/06/2018

Data de Aprovação: 05/11/2020

